



BRASILIDADES NA OBRA DE CALMON BARRETO

Gisele L. Faleiros da Rocha

A produção artística de Calmon Barreto traz inúmeras contribuições para a arte brasileira e para a história da Escola Nacional de Belas Artes. Sua atuação como gravador na Casa da Moeda, aluno, professor e diretor da Enba, ilustrador de revistas cariocas, pintor e escultor deram origem a um legado de obras que, localizadas em diferentes arquivos, preservam valiosas referências da cultura brasileira.

Calmon Barreto

Araxá

brasilidade

cultura

A trajetória do artista

Calmon Barreto de Sá Carvalho (1909-1994) nasceu em Araxá, MG e ainda muito jovem mudou-se para o Rio de Janeiro e iniciou sua carreira artística na Casa da Moeda.¹ Na capital carioca seus contatos com a arte se ampliaram e com apenas 14 anos o artista ingressou na Escola Nacional de Belas Artes,² no curso de Modelo Vivo, seção de Gravura. Entre os grandes mestres que contribuíram para a sua formação nessa instituição destacam-se Augusto Giorgio Girardet (1855-1955) e Rodolfo Chambelland (1879-1967), de quem foi assistente na disciplina de Modelo Vivo entre 1942 e 1947. Sua formação artística ficou registrada na história da Enba como aluno, professor de anatomia e fisiologia artística e diretor de 1961 a 1964. No final da década de 1960 Calmon Barreto retornou para sua terra natal, dedicando-se à pintura, escultura e ao resgate do passado histórico da região em que nasceu: “deixou a grande cidade, para fixar-se em Araxá, na mesma casa em que passou a infância”.³

BRAZILIANNES IN CALMON BARRETO'S WORK | *Calmon Barreto's work brings many contributions to Brazilian art and to the history of the National School of Fine Arts. His performance as an engraver at the Mint, student, teacher and director of Enba, illustrator for Rio de Janeiro magazines, painter and sculptor has resulted in a legacy of works belonging to different collections, preserving valuable references to Brazilian culture.* | Calmon Barreto, Araxá, Brazilianness, culture.

O eixo central deste artigo identifica correspondências temáticas e estéticas presentes nas diferentes obras de Calmon Barreto. Em trabalho de pesquisa na cidade de Araxá evidenciamos a importância do artista para a cultura araxaense, e a existência de duas instituições que levam seu nome,⁴ preservam obras, documentos e uma variedade de arquivos da família Barreto. Outras produções e documentos localizados nos arquivos da Enba, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Museu Lasar Segall, revistas e jornais foram consultados para identificar obras de Calmon Barreto e assim ampliar as interpretações deste estudo.

Calmon Barreto
Capitão Inácio Correia
Pamplona
década de 1970, óleo
s/tela, 100 x 84cm
Fonte: Rocha, Gisele L. F.
da Rocha - 2007



Calmon Barreto
Guararapes, 1939,
baixo-relevo em gesso
54 x 108cm
Fonte: Rocha, Gisele L. F.
da Rocha - 2009

A brasilidade

No contato com o amplo acervo do artista identificamos a brasilidade como elemento que aproxima suas obras e que ao mesmo tempo traduz uma visão nacionalista. Um sentido de identidade brasileira é acentuado desde suas primeiras produções, destacando-se nas obras *Garimpeiros* e *Índio*, que concederam ao artista o prêmio de viagem à Europa, em 1929. Retornando ao Brasil, Calmon Barreto foi nomeado gravador mestre da Casa da Moeda e recebeu a incumbência de gravar as moedas vicentinas, com retratos de brasileiros ilustres.⁵ Em representações de cenas históricas suas obras resgatam episódios da história e iconografias brasileiras, como no baixo-relevo *Guararapes*,⁶ tema já representado por Victor Meirelles de Lima (1822-1903) e obra que retoma a tradição do gênero histórico, tão presente na Academia Imperial de Belas Artes e emergente desde os movimentos de independência na primeira metade do século 19.

Nas palavras de Ortiz, esse resgate nacionalista e um projeto de elaboração de uma identidade brasileira foram propostos por artistas e intelectuais, com destaque para a obra de Gilberto Freyre que de forma positiva reedita temáticas sociais, referências de mestiçagem e diversidade cultural. É nesse ambiente que a brasilidade emerge e se estabelece mediante uma escolha de temas nacio-

nalistas, étnicos e históricos, em que encontramos também um tom de romantismo que originou estilos ligados a raízes populares ou episódios de batalha.⁷

Essa busca de identidade, essência ou “alma” brasileira ampliou-se entre os anos 20 e 30 com propostas modernistas pautadas em uma variedade de representações e construções simbólicas com referências regionalistas. Nesse cenário encontramos diferentes visões de Brasil em que artistas e intelectuais resgataram singularidades culturais de nosso país. De forma específica, Calmon Barreto contribui com esse resgate por meio de desenhos, pinturas, esculturas e ilustrações, com uma produção artística que retoma constantemente temas históricos e indianistas.

Em suas obras, uma sequência de espaços ilustrados evolui conjuntamente com a narrativa das cenas, e uma riqueza de traços permite a identificação dos personagens. A evidência da figura humana é acentuada pelo emprego de sombreamentos lineares nas articulações, curvaturas do corpo que intensificam movimentos e gestualidade cenográfica.

Nas palavras de Calmon Barreto, “desenhar o nu” foi prática herdada da Enba e que se refletiu intensamente em suas produções.⁸ Os conselhos de seus mestres da academia disciplinaram o artista na prática de desenhar: “(...) não se aprende a desenhar uma vez por semana, deve-se praticar no mínimo 12 horas por dia. O velho professor Amoe-do dizia ser necessário 20 anos de desenho para ingressar-se na pintura ou escultura”.⁹

A carreira de ilustrador rendera muitos trabalhos a Calmon Barreto e permitiu ao artista sua consolidação no campo artístico da capital carioca, uma vez que entre os anos 20 e 30 jornais e revistas necessitavam das mais variadas colaborações de artistas plásticos e gráficos. Esse contexto pode ser entendido nas palavras de Miceli ao comentar

que: “desenhos, caricaturas, ilustrações, capas, capitulares, vinhetas, cercaduras, perfis e retratos em diferentes técnicas e suportes eram utilizados por quase todos os veículos de impacto cultural ou até mesmo políticos”.¹⁰

As produções de diferentes momentos

Embora a ilustração tenha limitação criativa, no sentido de que visava figurar a narrativa de contos, livros ou reportagens das revistas, evidenciamos recorrentes plasticidades e figurações que aparecem em suas obras, incluídas as que foram produzidas quando retornou para sua terra natal. Nesse momento, a brasilidade do artista afirma e retoma arquétipos de nossa cultura, evocando personagens como garimpeiros, bandeirantes, indígenas, quilombolas, boiadeiros e cavaleiros. Na análise dessas obras, entendemos que o artista constrói seu trabalho por meio de um processo de bricolagem e com relação de sincronia e diacronia que aproxima obras de diferentes momentos.

Em suas representações encontramos uma multiplicidade de eventos e figurações que veiculam certa temporalidade, com acontecimentos distintos no espaço das obras. O uso de enquadramentos e situações cênicas codificam significados culturais e estéticos com ângulos de visão de baixo para cima insinuando inferioridade, centralização de personagens para destacar acontecimentos principais ou com disposições em segundo plano para demonstrar elementos secundários.

Um sentido mítico é evocado pela construção de heróis, comum em histórias em quadrinhos, indicado na figura do bandeirante como personagem principal: o “conquistador do sertão” ou até mesmo no retrato desses homens sobre cavalos, com armas de defesa, roupas e capas evocando valentia e coragem. Sequências pictóricas e ilustrativas produzidas por Calmon Barreto idealizam esses

desbravadores, retomam brasilidades e descrevem a história cultural de região de Araxá.

A imagem do bandeirante é integrada aos cenários, com paisagens de Minas Gerais, que ao mesmo tempo resgatam memórias do artista: “as campinas verdejantes recordam minha infância”.¹¹ Entendemos que idealização do passado araxaense e a valorização de uma brasilidade mineira se manifesta como reação defensiva, por meio da qual Calmon Barreto além de produzir sua arte promoveu o fortalecimento das identidades locais.¹²

Em cada obra, um significante visual associa-se a um significante verbal para complementar o significado das imagens e revelar as intenções do artista. Temáticas como as de *Guararapes, História da descobrimento do Brasil, Execução dos Araxás, Passagem de Anhaguera, Garimpagem, Chegada ao Porto de Santos* vão descrevendo lugares, ações e personagens. Cada título apresenta um sentido específico e quando associados com seqüências visuais revelam uma história, como uma *story board*. Sendo assim, o agrupamento de suas pinturas pode oferecer um roteiro estruturado, com planos que sugerem uma narrativa.

A iconografia do bandeirante detém grande parte da memória histórica da produção artística de Calmon Barreto.¹³ Também evidenciamos refe-

Calmon Barreto
Ilustrações, década de
1940, nanquim s/papel
Fonte: Álbum / História e
descobrimento do Brasil –
Acervo da família Barreto





O artista e sua terra natal

A vida cultural e artística da cidade de Araxá reflete a presença marcante de Calmon Barreto e demais artistas de sua família.¹⁵ Seu retorno para Araxá transformou a paisagem local:

Há pouco, cansado do barulho dos grandes centros e do mundo moderno, Calmon voltou a procurar na bucólica beleza de sua terra natal a musa inspiradora de sua profunda sensibilidade artística. As praças de Araxá e salas de diversas entidades altruísticas estão se enriquecendo com suas esplêndidas esculturas e telas soberbas.¹⁶

O primeiro Salão de Artes Plásticas do município foi idealizado por Calmon Barreto acentuando sua importância como incentivador da arte.¹⁷ A valorização de sua produção artística se estende pelo Estado de Minas Gerais, mesmo após sua morte, quando em 1999 o governo mineiro instituiu a Medalha Calmon Barreto.¹⁸

Em diferentes publicações realizadas pela Fundação Cultural Calmon Barreto percebemos a atuação de Calmon Barreto como um mediador cultural e guardião da cultura brasileira. A história da cidade de Araxá é também a história de um artista que registrou o passado de sua terra natal, restabeleceu a arte a cultura regional que hoje seus conterrâneos contemplam e rememoram por meio de suas obras:

Sua participação no desenvolvimento cultural da sociedade araxaense foi considerável. Criou uma série de pinturas de grande porte, relativas à história da criação da cidade: pintou vastos campos das redondezas, sempre com a presença dos animais típicos da região; executou painéis de temáticas variadas; esculpiu grandes blocos de mármore e outros tipos de pedras criando esculturas com temas regionais. Em colaboração com o Jornal de Araxá publicou contos de sua autoria. Aqui chegando começou a documentar a terra, o campo, o gado, a nossa história.¹⁹

Calmon Barreto
Execução dos Araxás,
década de 1970, óleo
s/tela, 100 x 84cm
Fonte: Rocha, Gisele L. F.
da Rocha - 2007

rências ao *Retrato Equestre*, com bandeirantes sobre cavalos ou em cenas de batalha. A tradição do gênero equestre se consolida pelo emprego de um sistema de convenções que associa posturas, gestos e objetos, de tal maneira que “os acessórios representados reforçam suas autorepresentações referindo-se a papéis sociais específicos”.¹⁴ De acordo com Burke, o monumento equestre foi revivido na Renascença italiana com representações iconográficas de governadores. Os artistas utilizavam trajés e acessórios para intensificar o senso de poder e majestade, especificamente nos retratos pintados e esculpido para reis e monarcas. Essa modalidade de pintura era oferecida aos alunos da Enba e, portanto, caracteriza uma das influências da acadêmica nas obras de Calmon Barreto, como marca registrada em suas representações.

NOTAS

1 Certidão presente nos arquivos da família Barreto atesta a entrada de Calmon Barreto na Casa da Moeda em 20 de março de 1922. Entre os orientadores que recebeu nessa instituição destacam-se: Otto Heim, Francisco Hilarião Teixeira da Silva, Leopoldo Campos, Jorge Sodré, Hermínio Pereira, Francisco Campos e Augusto Fiorgio Girardet. Muitos desses mestres atuavam na Escola Nacional de Belas Artes. Calmon Barreto relatou que a Casa da Moeda era “um verdadeiro estabelecimento de ensino”, e os conhecimentos que ali adquiriu fizeram com que a considerasse um lar, onde recebeu tanto conhecimentos artísticos como pessoais. Anotações Autobiográficas de Calmon Barreto – 1909-1994. Transcrição Ângelo D`Ávila. Brasília, 1999: 5.

2 Hoje atual Escola de Belas Artes da UFRJ. Ao longo deste artigo utilizamos a sigla Enba para referir a instituição.

3 O retorno de Calmon Barreto para Araxá caracteriza nova fase em sua produção artística, Como declarou sua irmã Cordélia Barreto: “Aposentado, atraído talvez por força atávica encontrou outra motivação para sua arte: resgatar a história de Araxá. Procurou sofregamente documentar-se sobre os primórdios da cidade”. Barreto, Cordélia. Um depoimento de Cordélia Barreto. In *Calmon Barreto – a revista da exposição*. Araxá: Tamoiros, 1996: 5.

4 O Museu Calmon Barreto e a Fundação Cultural Calmon Barreto promovem a cultura local e demonstram como o artista foi marcando presença na cidade em que nasceu.

5 Essas moedas foram gravadas em comemoração aos 400 anos da Vila de São Vicente e representa pessoas importantes de nossa cultura: Santos Dumont, padre Anchieta, duque de Caxias, regente Feijó, Oswaldo Cruz, Vicente Tamandaré.

6 Obra que concede a Calmon Barreto medalha de ouro no Salão de Belas Artes de 1939, na seção de gravura. A obra foi encomendada pelo governo brasileiro, e com ela o Exército e a Marinha homenagearam o governo de Portugal.

7 Barata, Mário. Século 19. Transição e início do século 20. In Zanini, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983: 403-432.

8 Anotações Autobiográficas de Calmon Barreto, op. cit.

9 Denise, Elaine. A trajetória de um grande artista. *Correio de Araxá*. Araxá, 18 jun 1994: 1.

10 Miceli, Sérgio. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira – 1920-1940*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996: 19.

11 Anotações Autobiográficas de Calmon Barreto, op. cit.: 15

12 Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

13 O imaginário desses sertanistas desbravadores motivou muitos artistas, a exemplo do célebre *Monumentos às Bandeiras*, de Victor Brecheret (1894-1955). O acervo do Museu Paulista preserva diferentes esculturas dos bandeirantes. De acordo com Tirapeli a iconografia do bandeirante está diretamente relacionada à conquista de terras, e é mediante alegorias representando os desbravadores que a sociedade paulista revive seu passado histórico. Tirapeli, Percival. *São Paulo, arte e etnias*. São Paulo: Unesp, 2007: 60.

14 Como exemplos desse gênero: *Napoleão Cruzando os Alpes*, de Jacques Louis Davi; *Retrato do Conde-Duque Olivares*, de Diego Velásquez. Burke, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: Edusc, 2004: 32.

15 A tradição artística da família Barreto é mantida por Cordélia Barreto, Fernando Barreto e Silvia Barreto. A casa da família é visitada por muitos turistas e bastante conhecida como “a morada da arte”.

16 Borges, Esperança Ribeiro. “A morada da arte” ou simplesmente, Calmon. *Correio de Araxá*. Araxá, ano XVII, n.833, 13 de maio de 1973.

17 Edição Especial *O trem da história*. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, 2006.

18 Projeto de Lei n. 510/99. A medalha é concedida anualmente a pessoas físicas e jurídicas que se tenham destacado no desenvolvimento de atividades culturais e turísticas no estado.

19 Museu Calmon Barreto: dez anos encantando o povo. *Voices dos Museus*. Araxá: Fundação Cultural Calmon Barreto, ano 1, n.2, maio de 2005.

Gisele L. Faleiros da Rocha é especialista em educação e mestre em artes visuais pela EBA/UFRJ. Atualmente é professora da Faculdade São Mateus (UNIVC) e da Secretaria de Educação do Espírito Santo. Desenvolve estudos na linha de pesquisa Imagem e Cultura.